Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Perfil sociodemográfico, condições de trabalho, saúde e hábitos de vida de docentes de cursos da área da saúde em universidades estaduais da Bahia

Sociodemographic profile, working conditions, health, and lifestyle habits of health sciences faculty at state universities in Bahia, Brazil

Perfil sociodemográfico, condiciones de trabajo, salud y hábitos de vida de docentes de carreras de la salud en universidades estatales de Bahía, Brasil

Eliardo da Silva Oliveira[1], Anderson Jambeiro de Souza[1], Carlito Lopes Nascimento Sobrinho[2], Clarice Alves dos Santos[1], Juliana da Silva Oliveira[1], Adriana Alves Nery[1].

RESUMO

Objetivo: Descrever o perfil sociodemográfico, as condições de trabalho, saúde e hábitos de vida de docentes de cursos da área da saúde em quatro universidades estaduais da Bahia. **Métodos:** Realizou-se um estudo observacional de corte transversal com 189 docentes, utilizando um questionário estruturado aplicado de forma virtual entre abril e novembro de 2023. Os dados foram analisados de forma descritiva no software STATA 12.0. **Resultados:** Evidenciou-se predominância do sexo feminino (72,5%), da faixa etária entre 41 e 50 anos (39,7%), da raça/cor branca (51,3%), da situação conjugal casado/união estável (72,0%) e do regime de dedicação exclusiva no trabalho (66,7%). Embora apenas 14,8% tenham relatado insatisfação com o trabalho, registrou-se uma elevada sobrecarga laboral, com participação expressiva em projetos de pesquisa (90,5%). Foram relatadas limitações no ambiente institucional, como ausência de espaços adequados para descanso e alimentação. Destaca-se a presença de indicadores críticos de saúde mental, com 65,6% dos docentes autodeclarados ansiosos e o uso contínuo de medicamentos sendo relatado por 61,9% da amostra. **Conclusão:** Apesar da manutenção de hábitos saudáveis pela maioria, a sobrecarga laboral e a infraestrutura inadequada configuram-se como riscos ao bem-estar, reforçando a necessidade de políticas institucionais de suporte psicossocial e melhoria das condições de trabalho.

Palavras-chave: Docentes, Condições de trabalho, Saúde do trabalhador, Universidades, Ensino superior.

ABSTRACT

Objective: To describe the sociodemographic profile, working conditions, health, and lifestyle habits of health sciences faculty at four state universities in Bahia, Brazil. **Methods:** A cross-sectional observational study was conducted with 189 faculty members, using a structured questionnaire administered virtually between April and November 2023. Data were analyzed descriptively with STATA 12.0 software. **Results:** A predominance of female participants (72.5%), aged between 41 and 50 years (39.7%), self-identified as

[1] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié – BA.
[2] Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana – BA.

SUBMETIDO EM: 4/2026 | **ACEITO EM: 5/2026** | **PUBLICADO EM: 7/2026**

White (51.3%), married or in a stable union (72.0%), and working under an exclusive dedication regime (66.7%) was observed. Although only 14.8% reported dissatisfaction with their work, a high workload was recorded, with significant participation in research projects (90.5%). Institutional limitations were reported, such as the lack of adequate spaces for rest and meals. Critical indicators of mental health were highlighted, with 65.6% of faculty self-reporting anxiety and continuous use of medication reported by 61.9% of the sample. **Conclusion:** Despite the maintenance of healthy habits by most participants, work overload and inadequate infrastructure pose risks to well-being, reinforcing the need for institutional policies for psychosocial support and improved working conditions.

Keywords: Faculty, Working conditions, Occupational health, Universities, Higher education.

RESUMEN

Objetivo: Describir el perfil sociodemográfico, las condiciones de trabajo, la salud y los hábitos de vida de docentes de carreras de la salud en cuatro universidades estatales de Bahía, Brasil. **Métodos:** Se realizó un estudio observacional transversal con 189 docentes, mediante un cuestionario estructurado aplicado de forma virtual entre abril y noviembre de 2023. Los datos fueron analizados de manera descriptiva con el software STATA 12.0. **Resultados:** Se observó predominio del sexo femenino (72,5%), del grupo etario entre 41 y 50 años (39,7%), de la raza/color blanca (51,3%), de la situación conyugal casado o en unión estable (72,0%) y del régimen de dedicación exclusiva en el trabajo (66,7%). Aunque solo el 14,8% informó insatisfacción laboral, se registró una elevada sobrecarga de trabajo, con participación significativa en proyectos de investigación (90,5%). Se señalaron limitaciones en el entorno institucional, como la ausencia de espacios adecuados para descanso y alimentación. Se destaca la presencia de indicadores críticos de salud mental, con un 65,6% de docentes que se autodeclararon ansiosos y el uso continuo de medicamentos reportado por el 61,9% de la muestra. **Conclusión:** A pesar del mantenimiento de hábitos saludables por la mayoría, la sobrecarga laboral y la infraestructura inadecuada constituyen riesgos para el bienestar, lo que refuerza la necesidad de políticas institucionales de apoyo psicosocial y de mejora de las condiciones de trabajo.

Palabras clave: Docentes, Condiciones de trabajo, Salud laboral, Universidades, Educación superior.

INTRODUÇÃO

A universidade representa um motor de transformação social e econômica ao transcender a formação técnica para moldar valores e integrar o conhecimento teórico à prática profissional. Atuando como um centro de inovação capaz de responder a crises globais, o Ensino Superior promove a emancipação dos discentes por meio de um aprendizado transformador que desenvolve o julgamento autônomo e a reflexividade crítica. Nesse processo, o docente exerce papel central ao facilitar o diálogo racional e a alternância educativa, permitindo que os estudantes convertam suas vivências em objetos de reflexão para intervir ativamente na sociedade (HOUARI B, et al., 2024; ORZHEL O, 2022; VALDIVIA-YÁBAR SV, et al., 2024).

O trabalho docente se fundamenta em atividades que envolvem outros níveis de competências e se apropria da execução de atribuições que ultrapassam os limites das salas de aula, como a preparação de conteúdo, elaboração de planos de trabalho em seus domicílios, orientação de discentes, participação em atividades de pesquisa e extensão, prestação de serviços à comunidade, coordenação de colegiados e/ou departamentos, além de outras atividades de gestão dentro da esfera acadêmico-administrativa, fatores que induzem desgaste e sobrecarga, podendo ser geradores e/ou potencializadores de adoecimento (MACHADO RR, et al., 2022).

Diante das transformações recentes no mundo do trabalho, a atuação dos docentes universitários tem sido marcada por mudanças significativas nos âmbitos pessoal e profissional, impulsionadas pela

incorporação de novas tecnologias e pelas reconfigurações do sistema educacional, cenário intensificado durante a pandemia da COVID-19, quando o predomínio do trabalho remoto exigiu rápida adaptação ao uso de ferramentas digitais, em meio a processos de precarização e recorrentes ataques aos direitos trabalhistas da categoria, sendo que, à esse panorama, somam-se as crescentes exigências por produtividade impostas por agências de financiamento e controle, o que tem contribuído para uma ampliação e intensificação da jornada de trabalho destes profissionais (GOMES NP, et al., 2021; VASCONCELOS I e LIMA RL, 2021).

Destacam-se nessaesfera, docentes de cursos da área da saúde, que desempenham importante papel social como educadores responsáveis pela formação de futuros profissionais destinados a ingressar no mercado de trabalho, onde serão encarregados do cuidado de usuários em um cenário permeado por diversas realidades e desigualdades sociais frente às inúmeras necessidades e problemas de saúde da população (RUAS CM e PEREIRA JUNIOR EA, 2021).

Apesar do crescente interesse científico sobre a relação entre trabalho docente e saúde, ainda são incipientes os estudos que investiguem de forma sistemática as condições de trabalho e saúde de docentes universitários da área da saúde no contexto das universidades públicas brasileiras, especialmente na região Nordeste do Brasil. A compreensão dessa conjuntura é fundamental para subsidiar estratégias institucionais de promoção da saúde e prevenção de agravos relacionados ao trabalho docente.

Diante da complexidade apresentada, desenvolveu-se a presente investigação, com o propósito de descrever o perfil sociodemográfico, as condições de trabalho, saúde e hábitos de vida de docentes universitários de cursos da área da saúde.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo observacional, de corte transversal em quatro universidades estaduais da Bahia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Caracterizadas como instituições públicas, gratuitas, com oferta de diversos cursos de Ensino Superior, essas universidades são vinculadas à Secretaria da Educação do governo do Estado da Bahia e apresentam estrutura distribuída em diversas cidades desta unidade federativa.

Participaram da pesquisa docentes efetivos e temporários vinculados a cursos da área da saúde das universidades citadas, de ambos os sexos e com, no mínimo, seis meses de vínculo com a instituição (tempo mínimo considerado neste estudo para ambientação ao processo de trabalho). Foram excluídos docentes que não concluíram integralmente o questionário ou que não atenderam aos critérios de elegibilidade estabelecidos para o estudo. A amostragem foi de caráter não probabilístico por conveniência, composta pelos docentes que aceitaram participar voluntariamente do estudo.

A coleta de dados ocorreu de forma virtual, entre os meses de abril e novembro de 2023, por meio da aplicação de um instrumento previamente estruturado, elaborado na plataforma *Google Forms*, no qual os participantes obtiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo informações relacionadas ao estudo, e ao questionário da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas: inicialmente, o *link* do instrumento foi encaminhado aos colegiados e/ou departamentos das universidades para compartilhamento com os docentes, aguardando-se quinze dias para retorno; posteriormente, realizou-se o envio direto do questionário aos endereços eletrônicos dos docentes. Em seguida, foi feita a conferência das respostas e o reenvio do questionário aos não respondentes a cada quinze dias, totalizando oito tentativas, além da utilização de aplicativos de mensagens e redes sociais como estratégias complementares de divulgação da pesquisa.

As variáveis pesquisadas foram organizadas em quatro blocos: condições sociodemográficas (sexo, faixa etária, raça/cor, situação conjugal, titulação acadêmica, renda individual mensal e renda familiar mensal); características do trabalho (instituição de trabalho, tipo de vínculo empregatício, carga horária,

atuação em cursos de Pós-Graduação, ocupação de cargo de chefia nos últimos seis meses, atuação como docente em outra instituição, presença de outro vínculo empregatício de outra natureza); condições de trabalho e características do ambiente de trabalho (nível de satisfação com as condições de trabalho, participação em projetos de pesquisa, orientação de monitoria/projeto de pesquisa, orientação de trabalhos de conclusão/dissertação/tese, atuação como parecerista de periódicos científicos, percepção sobre a ventilação no local de trabalho, existência de ambiente adequado para descanso, existência de local adequado para refeições); e condições de saúde e hábitos de vida (satisfação com a condição de saúde atual, frequência de realização de consultas médicas, percepção sobre autocuidado com a alimentação, consumo de vitaminas/suplementos alimentares, consumo de bebida alcoólica, tabagismo, uso contínuo de medicamentos, uso de calmantes ou fitoterápicos, histórico familiar de adoecimento mental, percepção sobre ansiedade, prática de atividades de lazer e frequência de prática de atividades físicas).

Os dados foram tabulados no programa *Microsoft Office Excel,* versão 2016 e analisados no programa estatístico *Data Analysis and Statistical Softwares* (STATA), versão 12.0. A análise estatística foi realizada por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas, além de medidas de tendência central e de dispersão para variáveis numéricas.

O presente estudo fez parte de um projeto de pesquisa, denominado “Condições de trabalho e saúde de docentes universitários da área de saúde”, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia sob o parecer de número 5.926.626 eCAAE número 67032223.8.0000.0055. Salienta-se que o estudo atendeu rigorosamente os preceitos éticos, baseando-se nas Resoluções nº. 466/2012 e nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 223 respostas, sendo excluídos 34 docentes por não preencherem totalmente os critérios de elegibilidade (14 não eram docentes de cursos da área da saúde e 20 não responderam integralmente ao questionário), totalizando uma amostra final de 189 docentes universitários dos cursos de saúde.

Conforme **Tabela 1**, registrou-se maior ocorrência do sexo feminino (72,5%) e da faixa etária entre 41 a 50 anos (39,7%). A média de idade foi de 47,7 anos (±8,9). Em relação à raça/cor, 97 participantes (51,3%) se autodeclararam brancos e o estado civil casado(a) ou união estável foi registrado por 136 docentes (72,0%).

Alguns resultados encontrados neste estudo são corroborados por achados de outra pesquisa, que descreve um perfil no qual a maioria dos docentes dos cursos da área da saúde é composta por mulheres, pessoas brancas, casadas ou em união estável, com idade superior a 30 anos(BAGGIO E, et al., 2024).

A presença expressiva de mulheres na profissão docente está intimamente ligada à expansão do sistema educacional criado no país a partir da segunda metade do século XX, onde houve a necessidade de recrutamento de profissionais para atuar no ensino, sendo que, embora o magistério seja uma atividade desempenhada por ambos os sexos, naquela época, acreditava-se que as mulheres estavam mais aptas para desempenhar essa função, no entanto, as disparidades atuais na profissão em relação ao sexo ainda é um desafio dentro do mercado de trabalho (GOUVÊA TG e FIÚZA ALC, 2022).

Outros estudos justificam que o aumento progressivo do sexo feminino na área da saúde pode estar historicamente ligado a profissões que possuem como foco o cuidado ao ser humano, sobretudo os cursos da área da saúde (ALVARENGA E, et al., 2022; CASELLATO TFL, 2021).

Quanto a titulação acadêmica, 120 docentes informaram possuir o título de doutor (63,5%) e, com relação à renda mensal individual, 155 participantes (82,0%) afirmaram estar dentro da faixa salarial entre 6 e 14 salários-mínimos (**Tabela 1**).

As diferenças de classes no acesso à educação de qualidade e as enormes dificuldades enfrentadas pelas minorias sociais para ingressar no ambiente acadêmico, foi refletido neste estudo, haja vista a baixa representatividade de docentes de raça/cor preta nas instituições de Ensino Superior do país (CAMPOS TC,

et al., 2020), mesmo o estudo sendo realizado na região Nordeste onde normalmente se concentram maiores proporções de indivíduos autodeclarados pretos e pardos no país.

Tabela 1 - Características sociodemográficas de docentes da área da saúde de universidades estaduais da Bahia, n=189.

Variável	N	%
Sexo		
Feminino	137	72,5
Masculino	52	27,5
Faixa etária		
30 a 40 anos	42	22,2
41 a 50 anos	75	39,7
Igual ou maior que 51 anos	72	38,1
Raça/Cor		
Amarelo	1	0,5
Branco	97	51,3
Pardo	77	40,7
Preto	14	7,5
Situação conjugal		
Solteiro(a)	30	15,9
Casado(a) ou união estável	136	72,0
Viúvo(a)	2	1,0
Separado(a)/desquitado(a)/divorciado(a)	21	11,1
Titulação acadêmica		
Especialização	4	2,1
Mestrado	44	23,3
Doutorado	120	63,5
Pós-doutorado	21	11,1
Renda individual mensal		
Entre 1 e 5 salários mínimos	21	11,1
Entre 6 e 14 salários mínimos	155	82,0
Igual ou maior que 15 salários mínimos	13	6,9
Renda familiar mensal		
Entre 1 e 5 salários mínimos	10	5,3
Entre 6 e 14 salários mínimos	113	59,8
Igual ou maior que 15 salários mínimos	66	34,9

Fonte: OLIVEIRA ES, et al., 2026.

Conforme **Tabela 2**, a instituição de trabalho mais registrada foi a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com 63 docentes (33,3%), sendo a categoria “efetivo” como o vínculo empregatício mais citado, ocorrendo em 179 registros (94,7%).

A carga horária de trabalho semanal de 40 horas com dedicação exclusiva (DE) foi a mais comum, com 126 registros (66,7%). A maioria dos docentes pesquisados informou que ministra aulas em cursos dePós-Graduação (50,3%), sendo que 59 relataram ter ocupado cargos de chefia nos 06 meses anteriores à pesquisa (31,2%). Com relação aos vínculos empregatícios, apenas 19 docentes relataram trabalhar em outra instituição de nível superior (10,0%) e 30 docentes (15,9%) informaram possuir outro tipo de vínculo empregatício (**Tabela 2**).

A modalidade de dedicação exclusiva (DE) ocasiona a maior permanência do docente na instituição de ensino promovendo uma maior ligação, assim, surge uma maior interação com as atividades realizadas na instituição, aumentando sua participação em reuniões com o objetivo de resolução de questões burocráticas, além do envolvimento em cargos de chefia dentro da administração, tais pontos potencializam o adoecimento dos respectivos trabalhadores em decorrência da sobrecarga de trabalho (GRUND GC e PARENTE CMD,2022).

Com relação ao nível de titulação, estudos indicam que docentes com níveis educacionais mais elevados tendem a uma maior exposição a situações de estresse devido ao maior nível de responsabilidade social associada ao cargo (VAN DER MERWE YJV e KLINCK K, 2025).

Tabela 2 - Características do trabalho de docentes da área da saúde de universidades estaduais da Bahia, n=189.

Variável	N	%
Instituição de trabalho		
UNEB	49	26,0
UESB	63	33,3
UEFS	43	22,7
UESC	34	18,0
Tipo de vínculo empregatício na universidade		
Efetivo	179	94,7
Substituto	8	4,2
Visitante	2	1,1
Carga horária de trabalho semanal		
20 horas	5	2,6
40 horas	58	30,7
40 horas com dedicação exclusiva (DE)	126	66,7
Atuação em cursos de Pós-Graduação		
Sim	95	50,3
Não	94	49,7
Ocupação de cargo de chefia		
Sim	59	31,2
Não	130	68,8
Atuação como docente em outra instituição		
Sim	19	10,0
Não	170	90,0
Presença de outro vínculo empregatício de outra natureza		
Sim	30	15,9
Não	159	84,1

Fonte: OLIVEIRA ES, et al., 2026.

Referente às condições de trabalho (**Tabela 3**), apenas 22 participantes relataram estar satisfeitos (11,6%), sendo que 171 docentes informaram estar participando da execução de projetos de pesquisa (90,5%), 175 docentes informaram estar orientando monitoria de ensino e/ou projetos de pesquisa (92,6%), 109 docentes informaram estar orientando trabalhos de conclusão de curso e/ou dissertação e/ou tese (57,7%) e 135 docentes informaram estar atuando como pareceristas de periódicos (71,4%).

É importante ressaltar que a realização profissional alcançada por profissionais com formação superior pode resultar em significativa satisfação pessoal, relacionada ao status financeiro e ao reconhecimento que tais profissões geralmente recebem (CAMPOS EV e CARVALHO A, 2022). Contudo, a elevada participação dos docentes em atividades de pesquisa e orientação acadêmica observada neste estudo reforça a intensificação do trabalho no ensino superior, fenômeno amplamente discutido. A exigência crescente por produtividade científica, associada às múltiplas atribuições acadêmico-administrativas, tem contribuído para a ampliação da carga de trabalho docente, frequentemente extrapolando os limites da jornada formal(MACHADO RR, et al., 2022).

Em consonância, o envolvimento dos docentes em atividades de pós-graduação aumenta o nível de cobrança de agências de fomento à pesquisa por maiores níveis de produtividade em termos de publicações científicas, além da constante necessidade de atualização curricular com participação ou organização em cursos, eventos e congressos (FERREIRA CG, 2023).

Especificamente sobre as características do ambiente de trabalho, a ventilação no local de trabalho foi apontada como razoável por 98 docentes (51,8%), sendo que 169 participantes (89,4%) responderam que não há um espaço adequado disponível para descanso na instituição e 92 docentes (48,7%) afirmaram que não existe local adequado para a realização das refeições na universidade (**Tabela 3**).

Para GOMES NP, et al. (2021), o ambiente de trabalho desempenha um papel vital na vida e sobrevivência dos indivíduos, servindo não apenas como meio de sustento, mas também como fonte de realização, satisfação e qualidade de vida.

Conforme discutido por VALOVIRTA E e MANNEVUO M (2022), o modelo de "universidade empreendedora" impõe uma cultura de disponibilidade constante que transforma a gestão do tempo em um problema individual e privado, gerando sentimentos crônicos de culpa e invisibilizando as falhas estruturais das instituições. Nesse contexto, a falta de espaços físicos adequados para descanso e refeições, relatada por grande parte da amostra deste estudo, reforça a lógica neoliberal que negligencia o cuidado com o corpo em favor de uma produtividade performativa e acelerada.

No contexto do trabalho docente é importante mencionar que a preservação da saúde desses profissionais pode estar vinculada a vários aspectos, influenciando diretamente na sua qualidade de vida. Assim, é notório e de fundamental importância aprofundar o entendimento sobre os determinantes da saúde entre os docentes, abrangendo considerações biológicas, ergonômicas, ocupacionais e psicossociais relacionadas à prática profissional, assim como fomentar a implementação de estratégias institucionais voltadas ao fortalecimento das redes de apoio e à otimização da infraestrutura laboral (VELTEN DB, et al., 2022).

Tabela 3 - Condições de trabalho e características do ambiente de trabalho de docentes da áreada saúde de universidades estaduais da Bahia, n=189.

Variável	N	%
Nível de satisfação com as condições de trabalho		
Satisfeito(a)	22	11,6
Parcialmente satisfeito(a)	139	73,6
Insatisfeito(a)	28	14,8
Participação em projetos de pesquisa		
Sim	171	90,5
Não	18	9,5
Orientação de monitoria/projeto de pesquisa		
Sim	175	92,6
Não	14	7,4
Orientação de trabalhos de conclusão/dissertação/tese		
Sim	109	57,7
Não	80	42,3
Atuação como parecerista de periódicos científicos		
Sim	135	71,4
Não	54	28,6
Nível de ventilação no local de trabalho		
Precário	23	12,2
Razoável	98	51,8
Satisfatório	68	36,0
Existência de ambiente adequado para descanso		
Sim	20	10,6
Não	169	89,4
Existência de ambiente adequado para refeições		
Sim	97	51,3
Não	92	48,7

Fonte: OLIVEIRA ES, et al., 2026.

A **Tabela 4** apresenta a distribuição dos docentes em relação às condições de saúde e hábitos de vida. Com relação a este bloco de variáveis, 79 docentes (41,8%) informaram estar insatisfeitos com sua condição de saúde no momento da pesquisa, sendo que 98 participantes relataram que realizam consulta médica apenas uma vez por ano (51,8%), 166 participantes informaram que cuidam da alimentação (87,8%), 107 docentes relataram que fazem uso de suplementos alimentares de forma rotineira (56,6%). Apenas quatro docentes relataram que fumam (2,1%) e 105 docentes relataram que apresentam o hábito da ingestão de bebidas alcoólicas (55,6%), sendo que destes, 85 relataram que fazem o consumo de álcool com frequência mínima de uma vez por semana (81,0%).

O uso contínuo de algum medicamento foi relatado por 117 docentes (61,9%) e o uso regular de calmante fitoterápico foi apontado por 42 docentes (22,2%). Histórico de adoecimento mental na família foi relatado por 105 participantes (55,6%) e 124 afirmaram que se consideram pessoas ansiosas (65,6%). A prática frequente de atividades de lazer foi relatada por 164 docentes (86,8%) e a prática de atividade física mais de três vezes na semana foi relatada por 98 docentes (51,8%), sendo que 26 (13,8%) admitiram que possuem comportamentos sedentários (**Tabela 4**).

Dentro deste contexto de saúde, sabe-se que os hábitos de vida, como o uso de álcool, inatividade física, presença de comorbidades, provocam um estado de fadiga emocional e física que tem o potencial de tornar os docentes mais vulneráveis, deixando-os sujeitos à irritabilidade e angústia, o que, por sua vez, afeta condições fisiológicas relacionadas ao estado físico e mental (DOBRACHINSKI L, et al., 2022; LEÃO ACA, et al., 2022)

Com relação ao consumo de álcool e fumo, estudo de corte transversal realizado uma universidade pública do interior do estado do Rio Grande do Norte (VIEIRA AN, et al., 2021), encontrou semelhante proporção de indivíduos que consumiam bebidas alcoólicas (82,1%) e maior ocorrência do uso de tabaco (26,9%), comparando-se ao atual estudo, fato que pode ser justificado por variações regionais e temporais.

MOURA JS, et al. (2023) ressaltam que o estresse proveniente das interações diretas com os discentes e a população assistida, ou outras interações no contexto institucional, especialmente aquelas que exigem atitudes em desacordo com os princípios e disponibilidade do docente, é altamente desgastante para a saúde de professores.

Em concordância, a ansiedade é frequentemente um sintoma que acompanha quadros de depressão e estresse excessivo na categoria docente. Mais da metade da população estudada referiu histórico de adoecimento mental familiar, sendo que tal condição potencializa a possibilidade do seu próprio adoecimento mental e desenvolvimento de sintomas como sensações vagas e difusas, desagradáveis, de apreensão ou tensão, geralmente associadas a diversas manifestações físicas (BAGGIO E, et al., 2024).

Por outro lado, sabe-se que a prática regular de exercícios físicos e a manutenção de uma alimentação saudável (características relatadas pela maior parte da amostra) atuam como fatores fundamentais na redução do estresse e no tratamento de condições como a ansiedade, proporcionando uma resposta orgânica mais eficaz na prevenção e reabilitação de doenças que podem comprometer a capacidade funcional e o bem-estar do trabalhador (BRITO ATS, et al., 2023; DIAS DF, et al., 2022; LEMOS RLF et al., 2024).

A predominância feminina na amostra, aliada aos altos índices de ansiedade, evoca a discussão sobre a menor disponibilidade de tempo e a sobrecarga afetiva que incidem severamente sobre as mulheres na carreira acadêmica. SANTOS JS, et al. (2025) demonstraram que ser mulher docente na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) constitui um fator potencial para o desenvolvimento de estresse e Transtornos Mentais Comuns (TMC), com índices de 30,8% e 21,8%, respectivamente. Esses autores reforçam que, embora as demandas laborais - como o planejamento de aulas e o desenvolvimento de pesquisas - sejam comuns a ambos os sexos, a jornada das mulheres é agravada pelo acúmulo de responsabilidades domésticas e familiares (SANTOS JS, et al., 2025).

Segundo VALOVIRTA E e MANNEVUO M (2022), a universidade neoliberal promove uma cultura de “disponibilidade total”, em que a gestão do tempo deixa de ser uma questão organizacional para se tornar um fardo individual, frequentemente acompanhado por sentimentos de culpa e exaustão. Para as docentes, essa pressão é agravada pela dupla jornada e pelas expectativas de produtividade performativa, transformando o ambiente laboral em um espaço de vigilância cerebral e ansiedade crônica (VALOVIRTA E e MANNEVUO M, 2022). Tais achados, somados à carência de infraestrutura básica para descanso relatada por quase 90% dos participantes deste estudo, reforçam a discussão sobre como a negligência com as necessidades fisiológicas e mentais do docente é naturalizada em prol de métricas de eficiência que ignoram as assimetrias de gênero e a saúde do trabalhador.

Tabela 4 - Condições de saúde e hábitos de vida de docentes da área da saúde de universidades estaduais da Bahia, n=189.

Variável	N	%
Satisfação com a condição de saúde atual		
Satisfeito(a)	110	58,2
Insatisfeito(a)	79	41,8
Frequência de realização de consultas médicas		
Uma vez por mês	16	8,5
Mais de uma vez por mês	7	3,7
Uma vez a cada seis meses	68	36,0
Uma vez por ano	98	51,8
Autocuidado com a alimentação		
Sim	166	87,8
Não	23	12,2
Consumo de vitaminas/suplementos alimentares		
Sim	107	56,6
Não	82	43,4
Consumo de bebida alcoólica		
Sim	105	55,6
Não	84	44,4
Frequência de consumo de bebida alcoólica (n=105)		
Uma vez por semana	85	81,0
Duas a três vezes por semana	19	18,1
Quatro ou mais vezes por semana	1	0,9
Tabagismo		
Sim	4	2,1
Não	185	97,9
Uso contínuo de medicamentos		
Sim	117	61,9
Não	72	38,1
Uso de calmantes fitoterápicos		
Sim	42	22,2
Não	147	77,8
Histórico familiar de adoecimento mental		
Sim	105	55,6
Não	84	44,4
Autopercepção sobre ansiedade		
Sim	124	65,6
Não	65	34,4
Prática frequente de atividades de lazer		
Sim	164	86,8
Não	25	13,2
Frequência de prática de atividades físicas		
Nunca	26	13,8
Uma a duas vezes por semana	65	34,4
Mais de três vezes por semana	98	51,8

Fonte: OLIVEIRA ES, et al., 2026.

Vale salientar que este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas ao analisar seus resultados. O delineamento transversal impossibilita estabelecer relações de causalidade entre as variáveis analisadas. A coleta de dados por meio de questionário eletrônico pode estar sujeita a vieses de autorrelato e seleção, uma vez que a participação foi voluntária. E, por fim, acrescenta-se o fato de que a pesquisa foi constituída por uma amostra de conveniência, não probabilística. Inegavelmente, reconhece-se o fato de que a utilização de uma amostra de conveniência e a coleta na forma virtual podem selecionar indivíduos com maior afinidade tecnológica ou maior interesse em reportar agravos à saúde, o que exige cautela na generalização dos dados para toda a população docente das referidas instituições.

Apesar destas limitações, os achados, ainda que parciais e exploratórios, oferecem importante panorama sobre as condições de trabalho e saúde de docentes universitários da área da saúde em universidades públicas estaduais da Bahia.

Registra-se, assim, a necessidade da realização de outras pesquisas, como estudos longitudinais, voltadas para os efeitos do processo de trabalho e as condições de saúde sobre a vida de docentes universitários, objetivando evidenciar os principais problemas presentes e, com isso, propor intervenções para reduzir os impactos que o trabalho tem provocado na vida destes indivíduos.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitiram caracterizar o perfil sociodemográfico, as condições de trabalho, a saúde e os hábitos de vida de docentes de cursos da área da saúde em universidades estaduais da Bahia, evidenciando aspectos relevantes e desafios associados ao exercício da docência no ensino superior público. Destaca-se a necessidade de intervenções institucionais que ultrapassem a dimensão biológica e contemplem os fatores psicossociais e infraestruturais do trabalho docente, incluindo a melhoria dos espaços físicos e das condições de convivência laboral. A elevada prevalência de ansiedade e o histórico familiar de adoecimento mental observados reforçam a urgência da implementação de programas contínuos de acolhimento e suporte psicossocial, bem como a revisão crítica das exigências de produtividade acadêmica. Ademais, recomenda-se o desenvolvimento de estudos longitudinais e de abordagens qualitativas que aprofundem a compreensão dos determinantes do adoecimento, incluindo desigualdades de gênero e impactos da transição tecnológica, a fim de subsidiar políticas institucionais eficazes. Em conjunto, os achados apontam para a necessidade de fortalecimento de estratégias voltadas à promoção da saúde, à melhoria das condições de trabalho e à valorização da atividade docente no ambiente universitário.

REFERÊNCIAS

1. ALVARENGA E, et al. A representatividade feminina e o exercício da docência no ensino superior. Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, 2022; 23(3): 577-600.
2. BAGGIO E, et al. Perfil de saúde mental dos professores universitários de instituições públicas mato-grossenses durante a pandemia da COVID-19. Ciência et Praxis, 2024; 19(34): 35-52.
3. BRITO ATS, et al. Associação entre atividade física e saúde mental durante a pandemia COVID-19: um estudo transversal. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, 2023; 28:e0298.
4. CAMPOS EV, CARVALHO A. Perfil e satisfação no trabalho de professores universitários de uma instituição federal de ensino de mato grosso do sul. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 2022; 8(5): 1921-1931.
5. CAMPOS TC, et al. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, 2020; 25(3): 745-768.
6. CASELLATO TFL. Participação de mulheres na produção do conhecimento em ciências: revisão de literatura. Revista Faculdade do Saber, 2021; 6(13): 972-79.
7. DIAS DF, et al.Fatores ocupacionais e atividade física em professores da educação básica da rede pública: uma coorte prospectiva. Ciência & Saúde Coletiva, 2022; 27(3): 1223-1236.
8. DOBRACHINSKI L, et al. Doenças Cardiovasculares: Prevalência de fatores de risco em docentes da educação universitária. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2022; 15(10): e11297.
9. FERREIRA CG. CAPES: Um estudo sobre o produtivismo acadêmico e os saberes “hegemônicos”. Revista Valore, 2023; 8: 9-29.
10. GOMES NP, et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de covid-19. Saúde e Sociedade, 2021; 30(2): e200605.
11. GOUVÊA TG, FIÚZA ALC. Desigualdades de gênero na carreira docente: fatores intervenientes. Revista Brasileira de Pós-graduação (RBPG), 2022; 18(especial): 1-27.

12. HOUARI B, et al. The role of the university in developing educational implications in society: Health education, environmental education, consumer education, technological education. International Journal of Health Sciences, 2024; 8(S1): 16-28.
13. GRUND GC, PARENTE CMD. Condições de trabalho docente em regime de dedicação plena e integral na rede estadual de ensino de São Paulo. Cadernos de Pesquisa, 2022; 29(2): 185-205.
14. LEÃO ACA, et al. Consumo de álcool em professores da rede pública estadual durante a pandemia da COVID-19. Jornal Brasileiro de Psiquiatria,2022;71(1):5-15.
15. LEMOS RLF, et al. Explorando pilares da qualidade de vida em professores universitários: um enfoque no comportamento alimentar. Revista Caderno Pedagógico, 2024; 21(8): e6529.
16. MACHADO RR, et al. Qualidade de vida, saúde física e mental de professores universitários no contexto da pandemia de covid-19. REVASF, 2022; 12(29): 149-179.
17. MOURA JS,et al. Transtornos mentais e comportamentais em professores: influências na carreira profissional docente. Boletim de Conjuntura (BOCA), 2023; 13(39): 19-42.
18. ORZHEL O. University Social Mission in the Wartime under Knowledge Society. International Scientific Journal of Universities and Leadership, 2022; 13(1): 26-36.
19. RUAS CM, PEREIRA JUNIOR EA. Percepções dos discentes do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior: uma autoavaliação sobre a saúde individual. Revista Internacional de Educação Superior, 2021; 7:e021013.
20. SANTOS JS, et al. Estresse e transtornos mentais comuns em docentes mulheres da Universidade Estadual de Feira de Santana. Revista Foco, 2025; 18(4): e8166.
21. VALDIVIA-YÁBAR SV, et al. Forming and Transforming: Critical Reflection in The University Education of Professionals. RGSA-Revista de Gestão Social e Ambiental, 2024; 18(7): e08381.
22. VALOVIRTA E, MANNEVUO M. Affective academic time management in the neoliberal university: From timeliness to timelessness. European Journal of Cultural Studies, 2022; 25(5): 1307-1323.
23. VAN DER MERWE YJV, KLINCK K, Assessing Stress Levels Amongst Teachers: Factors, Impacts, Coping Strategies and Teacher Well Being. Education Journal, 2025; 14(3): 134-145.
24. VASCONCELOS I, LIMA RL. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. Revista Katálysis, 2021; 24(2): 364–374.
25. VELTEN DB, et al. Presença de ansiedade em docentes universitários do curso de Odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo em tempos de pandemia. Revista de Odontologia da UNESP, 2022; 51:e20220001.
26. VIEIRA NA, et al. Estresse e uso de drogas psicoativas por docentes universitários.Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, 2021; 19(02): 191-200.